

TÓ

REVISTA DE  
PSICANÁLISE

PI  
CA

N.10

ANO 10  
OUTUBRO.2017  
MACEIÓ.AL  
BRASIL

ISSN 1980-8992

TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “ΤΟΠΟΝ”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,  
POR ZEFERINO ROCHA

**PRESIDENTE**

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

**VICE-PRESIDENTE**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**TESOUREIRO**

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**SECRETÁRIA**

Maria Edna de Melo Silva

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE  
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COORDENADOR DA COMISSÃO  
CIENTÍFICA**

Fernando Barbosa de Almeida

**COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL**

Fernando Barbosa de Almeida

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Socorro Tenório

**PROJETO GRÁFICO/  
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão

**FOTO DE CAPA**

Daniele Queiroz



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo  
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

[www.gpal.com.br](http://www.gpal.com.br)

[gpalmaceio@hotmail.com](mailto:gpalmaceio@hotmail.com)

# JUVENTUDES PROLONGADAS, ADOLESCÊNCIAS RENOVADAS

FRANCISCO JOSÉ PASSOS SOARES

Médico, doutor em pediatria pela UNIFESP, especializado em educação médica, pós-doutor em bioética no programa de pós-graduação da UNB/Cátedra da UNESCO e membro do GPAL.

## RESUMO

O prolongamento da vida associado ao acelerado desenvolvimento científico e tecnológico tem induzido à conformação pelo capital de um novo sujeito associado à juvenilização de comportamentos, e do corpo, individualismo, consumismo, e insatisfação, com aversão a normas. Para a teoria psicanalítica estamos diante do sujeito perverso, sem recalque, feticista, com vínculos frágeis, e de identidade fluida. Se no plano corporal, o indivíduo apela para as próteses buscando o prolongamento da juventude, na vida psíquica o correlato é a montagem. A vida é vivida como

se houvesse à disposição um self-service de próteses corporais e psíquicas. A multiplicidade de experiências e a transitoriedade permite reviver a adolescência em diferentes épocas da vida. A histericização, marca psíquica da adolescência, é então revivida, em ciclos transitórios e frequentes, associado ao fetichismo da mercadoria e do corpo, a despeito do apagamento da histeria como transtorno pela medicina.

1 \_\_\_\_\_  
Trabalho apresentado na mesa redonda organizada pelo GPAL na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, 2017.

O estranhamento vivido nos tempos atuais, no mundo ocidental, com regras comportamentais de definição imprecisa, e permissão para a experiência das identidades múltiplas, transitórias, tem sido definido como uma característica própria à transição entre uma era denominada de modernidade, considerada estar findando, e a atual denominada pós-modernidade ou hipermodernidade.

Essa era pós-moderna ou hipermoderna, foi representada por Debord (1992) como a era do espetáculo, em que a dissimulação é a regra, para a encenação nos espaços privados e públicos, importando reinventar-se, permanentemente, e apresentar-se com cara de cópia, de falso brilhante. Nessa nova era de individualismo crescente, o outro é mero instrumento de uso, meio para alcance de objetivos, o que significa a desconsideração pela dignidade como valor. A velocidade das mudanças dá o tom, o novo sempre presente, exigindo a troca com valor de moeda, mesmo nas relações exclusivamente humanas. Impera o consumismo, em que o fetichismo ocupa o lugar principal nas relações comerciais e afetivas, impondo com a sutileza da transformação do dinheiro em signo volátil, não visível e não palpável, modos relacionais humanos fetichistas, compartilhados, consentidos, não mais privados.

Reinventamos princípios e normas, desestabilizando a tradição hierárquica, vertical, paternalista, substituindo-os por valores,

com superdimensionamento da autonomia individual. Reinventamos comportamentos e atitudes, relativizando ideias, permitindo ao indivíduo projetar identidades múltiplas, transitórias, indefinidas.

Multiplicamos a espécie, criando mecanismos sutis de vigilância e controle, e distanciamento, forçando a exclusão local, e deslocamentos transnacionais em massa. Prolongamos os tempos da juventude e da vida humana, permitindo a alguns, privilégios, que conferem uma qualidade de vida diferenciada, com conforto material, nem sempre acompanhada na mesma medida de conforto moral e estabilidade psíquica.

Em tempos de globalização e relativismo, as novas fronteiras e limites impostos, morais e comportamentais, são imperceptíveis, homogeneizadores, tornando-nos aparentemente indiferenciados, sendo a indiferenciação o novo limite a ser enfrentado para a reconstrução das identidades individuais e comunitárias. Navegamos desde então buscando a redefinição de signos culturais que confirmam sentido a grupos minoritários, em busca de justiça, ora sob o signo da equidade, ora de

maneira confusa, porém perversa, pelo signo da igualdade (Bierman, 2003). Ou sucumbiremos todos ao coletivo indiferenciado, eroticamente empobrecido, sem qualidades morais, automatizados, e pré-determinados, construindo-se como simulacros, como no *big brother* Orweliano?

Vivemos em mundo de infinitas possibilidades, poliédrico na aparência, em movimento vertiginoso, tornando o gozo possível, porém volátil, gerando insatisfação permanente com o corpo, com a identidade, com as relações, com os signos, e com a operação imperceptível desse controle sobre os destinos humanos, individual, comunitário, nacional, e global.

Vivemos a era dos paradoxos, da ambiguidade, em que tudo que é oferecido ou vivenciado para o prazer e o conforto traz a marca da ameaça, à integridade do corpo, do ego, do tecido social, das comunidades, das nações, das outras espécies. A ambiguidade, a dissimulação e a trapaça, o artil, parecem dominar as relações de trocas afetivas e comerciais.

Especializamo-nos em iludir, em seduzir, para dominar, para submeter, para ter vantagens, alimentando a ilusão da indiferenciação, da igualdade, da vida autônoma, da vida prolongada com o corpo e a força da juventude.

O grande outro, hoje, ocupando o lugar da tradição religiosa, estatal, ideológica, hegemônico, opera em nome do capital financeiro mediado pela ciência e pela informática, organizado em signos ambivalentes, sedutores/

ameaçadores, em permanente movimento de combinações, volátil, e desestabilizador psíquico individual e coletivo.

Operando em nome do grande outro do capital, da mudança, do novo, do progresso da ciência, da oferta de bens materiais para o conforto, e bens terapêuticos para o prolongamento da juventude e da força, o mercado virtual e midiático de ofertas inclui já os bens espirituais de salvação para o conforto moral, e os bens terapêuticos para o conforto psíquico (Bierman, 2003). Não é mais necessário procurar, a oferta está diante de todos nas redes sociais. Com a aparência de sonho e o distanciamento necessário para ofertar próteses ao corpo e ao ego.

A oferta permanente de bens nos permite a interpassividade (Zizek, 2010), e a ilusão da estabilidade psíquica bastando apertar botões, acionar comandos de voz, escolher e montar, nossa identidade fluida, e conveniente a distintos contextos. Diante dessa realidade, podemos nos perguntar o que restou do desejo?

Tudo posto nas prateleiras virtuais e nos shoppings, spas, e templos religiosos, com tantas possibilida-

des de escolhas, com tantas possibilidades de encontros sexuais reais e virtuais, constata-se que não há de fato, escolhas. Consumir não preenche nem completa as brechas e os buracos do desejo. Vagamos então insatisfeitos por trilhas virtuais buscando satisfazer necessidades, substituindo as trocas afetivas e relacionais por objetos, gadgets, símbolos de status.

Estamos diante da pessoa vazia, que não encontra sentido para a vida. Esse parece ser o novo mantra nos consultórios, repetido por uma juventude desorientada pela multiplicidade de possibilidades, porém sem referenciais ético-normativos familiares, e sociais que os ajudem a integrar as forças pulsionais que, desde a infância, vagam dissociadas ou redirecionam-se a zonas específicas, deserotizando outras, ou deslocam-se completamente para um objeto substitutivo.

Nesses tempos ambíguos, de oferta de bens de toda ordem para o consumo imediato, de satisfação das necessidades individuais, de vigilância e controle sutis, de possibilidade de reconfiguração de laços familiares e sociais distintos dos da modernidade, em que a psicanálise encontrou como marca da sua fundação o encontro com a paciente histérica, marcada pelo recalque do desejo, indagamos se essa nosografia ainda se aplica hoje? Ou relativizamos tanto que distribuimos igualmente o sofrimento psíquico, e transformando-nos todos em pacientes, já não é mais possível falar em pacientes?

Ou mais ainda, diante do discurso dominante, do mestre, na atualidade, o discurso financeiro, científico-informatizado, a generalização relativista, e distributivista igualitária do sofrimento psíquico, poderá induzir à medicalização em massa? A substituição do discurso psicanalítico na psiquiatria, e na psicologia, na atualidade, pelo das neurociências, imunofarmacogenética, e o desenvolvimento do campo tecnológico parecem indicar ser esse o caminho. A oferta capitalista de terapêuticas medicamentosas, específicas a cada tipo de sofrimento, ou adaptada ao sofrimento individual, a partir de marcadores imunogenéticos cerebrais, poderá corresponder ao mercado das montagens seriadas de *selves* com engrenagens falhas que põem em risco a sobrevivência individual no meio social competitivo, com direito a *recall*. A falha não mais será admitida como característica humana.

Distante já da época em que a psicanálise se baseava para a retificação subjetiva e manejo terapêutico das neuroses tendo como eixo estruturas psíquicas bem definidas, a adaptação discursiva e nosográfica ao modelo econômico imposto pelo ca-

pitalismo na atualidade, permitiu identificar e manejar situações globalizantes de sofrimento psíquico, quando se considera a economia dos sintomas, toda a reserva pulsional posta em ação para paralisar, excluir do convívio social, ou mesmo eliminar definitivamente o sujeito, ou a vida. Contrastando com essas formas totalizantes de sofrimento psíquico, depressões com ou sem tentativas de suicídio, drogadição, síndrome do pânico, recorrentes no discurso médico-psiquiátrico, psicológico e psicanalítico, verificamos que a adoção pelo discurso psiquiátrico da pulverização dos sintomas histéricos em uma nosografia extensa, cada sintoma correspondendo a uma patologia, ou a um indivíduo específico, levou ao apagamento da histeria como patologia do DSM V (Ortega, 2012; DSM V, 2013). Algo semelhante aconteceu com as fobias, e com a neurose obsessivo-compulsiva que sofreram modificações na terminologia, e ampliação do espectro de transtornos relacionados. Com o desenvolvimento da psiquiatria infantil, e da psicologia cognitivo-comportamental, aliadas à metodologia científica e à indústria farmacêutica, houve invasão maciça de diagnósticos e intervenções terapêuticas medicamentosas e psicológicas duvidosas, na infância, adolescência, e nos processos relacionados ao envelhecimento, fechando o cerco à medicalização da vida.

Podemos afirmar que a indústria farmacêutica invadiu todas as faixas etárias, cir-

cunscrevendo sem piedade a todos os comportamentos humanos, até mesmo gerando sem escrúpulos patologias e sintomas que devem se adequar ao fármaco previamente desenvolvido para aquele fim. A antecipação do sintoma pela indústria farmacêutica e a conivência da Associação Americana de Psiquiatria, e suas congêneres, nos demais países, revela uma nova estratégia de poder com formas de controle sobre o indivíduo, agora definitivamente destituído pelo discurso científico da possibilidade de autonomia, dignidade, e autopercepção como sujeito de sua própria história (Bierman, 2003; Ortega, 2012).

## JUVENTUDE E HISTERICIZAÇÃO

Psicanálise e adolescência tem origem quase simultânea, na transição entre os séculos dezenove e vinte. A psicanálise tem ainda como marco emblemático a descrição da análise de uma adolescente, no ensaio, Um caso de histeria, com o pseudônimo Dora (Freud, 2006).

Originadas quase simultaneamente e com influência recíproca, observamos trajetórias similares de



evolução, uma e outra sofrendo modificações que culminaram no aparente apagamento social de ambas: da adolescência para dar lugar ao conceito de juventude, esticada até o limite último das possibilidades estéticas, correccionais, e das provas de força e vigor para a vida social, e da psicanálise para adaptar-se às pressões do discurso científico, resultando no questionamento de sua validade para o manejo das formas atuais de sofrimento psíquico. Adolescência e psicanálise permanecendo então no imaginário social como formas etéreas, mantidas apenas como desejáveis no plano da idealização dos bens sociais que deveríamos ter ou ser para realçar o brilho da nossa presença no mundo do espetáculo.

A adolescência é ainda identificada com os signos da dependência financeira, da imaturidade sexual, da cidadania incompleta, da crise de identidade e da rebeldia, enquanto a juventude é depurada desses signos valorizando a aparência e o vigor físico, a potência para viver de maneira arrojada, e autônoma. Enquanto a adolescência, conceito relativo à modernidade, pode ser definida como instituição histórica, com etapas cronológicas bem definidas, e signos relativos à crise do adolecer, característicos de uma operação psíquica que estrutura a subjetividade, a juventude, conceito caro à hipermodernidade, oferece uma face única, ahistórica, porque elimina toda distinção etária, é homogênea, e se pretende como ele-

mento estruturador da subjetividade com poderes para a manutenção de um vigor muscular e sexual infinitos e sem crise, a sexualidade deserotizada, como o café sem cafeína, e tantos outros artifícios inventados e exigidos para uma vida longa e saudável (Bierman, 2003)

Na operação de constituir-se, em crise com o corpo e com os papéis ideais infantis, o trabalho psíquico de adolecer envolve o luto e a melancolia, como resposta de inadequação à convocação pelo Outro e por seu corpo, e a impossibilidade de encontrar lugar ao gozo e ao repouso. Interpelado pelo Outro o adolescente responde, aturdido, como apelo ao Nome do Pai, como sintoma (Ruphino, 1995).

Para esse sintoma identitário, individual, a chamada crise da adolescência, Nasio (2011) propõe um novo conceito, “neurose saudável de crescimento” (p. 29), como processo psíquico obrigatório em que o adolescente ao ser invadido por suas pulsões, e sofrer a intransigência de seu superego deve, no fim, promover arranjos de conciliação, que permitam a entrada com a harmonia possível, a cada um, entre o corpo e a mente no mundo adulto.

A expressão neurose saudável de crescimento, o autor substitui por histeria salutar de crescimento, afirmando que “*A adolescência é uma histeria e um luto essenciais para nos tornarmos adultos*” (Nasio, 2011, p.30), acrescentando que adolescência e histeria tem em comum, e de modo marcante, uma concepção infantil do amor, do ódio, e das relações afetivas, própria de um eu imaturo.

Da mesma forma, admite-se que o processo transferencial em análise é um processo de histericização, considerando-se este como modelo a todas as formas transferenciais que desenvolvemos em nossas relações no mundo adulto. Ou seja, em diversos momentos de nossas vidas histerizamos como defesa às investidas pulsionais em direção às fantasias de amor (Nasio, 1991).

Encontrado o ponto em comum entre adolescência e histeria, e a possibilidade de histericização em distintos momentos da vida, formulamos a hipótese de que o que denominamos hoje por juventude, permita revivências adolescentes recorrentes, (Lerude, 1995) diante da permanência de um eu imaturo, muitas vezes um falso eu, capaz de equilíbrios apenas momentâneos, posto que estruturado como montagem a partir do precário enfrentamento de adversidades, conflitos, e provas de superação de um luto desde a adolescência, indefinidamente adiado. A inveja da juventude exaurindo a força vital na busca do corpo perfeito, e de uma felicidade per-

manente, resultando em melancolia mascarada por uma atividade incessante, física, ou profissional, ou amorosa, com relações superficiais, momentâneas, frustração permanente, ou até mesmo o isolamento, e os sintomas característicos à pós-modernidade, adotados pelo discurso científico atual como a nossa verdade subjetiva, enganadora como um falso brilhante: somos todos em graus variáveis, panicados, depressivos, adictos temporários ou não a drogas ilícitas, às relações sociais virtuais, aos anabolizantes e suplementos alimentares, e medicamentos moduladores psíquicos, às ideologias e comportamentos sociais de moda, hiperativos, indiferentes, perversos fetichistas, estressados, ansiosos e angustiados, indiferentes, em estados limites, sociopatas?

A sociedade de consumo sendo invadida pelas prateleiras diagnósticas e terapêuticas da medicina, da psicologia, e da neurociência, ofertam ao mercado de eternos jovens, múltiplas possibilidades de montagem de um eu frágil, histerizante a qualquer desafio, imaturo, incapaz de soluções imediatas senão o de incorporar com avidez toda novidade, como prótese material ou psí-

quica, para a montagem de um frankenstein pós-moderno, e revelador das insuficiências e debilidades do amo hipermoderno, o capital financeiro mediado pela ciência informatizada.

Acompanhando e revelando as falhas da grande narrativa científica, de fragmentação esmiuçadora do corpo em seus derradeiros limites moleculares, a histórica denuncia as insuficiências de uma ciência incapaz de preencher as faltas, os buracos do desejo, expressando-se em sintomas minúsculos e mais enigmáticos, do que os apresentados por Dora e suas contemporâneas. A histeria permanece desafiadora e incômoda na hipermodernidade, como sempre, apesar do esforço da psiquiatria americana em tentar apagá-la do imaginário científico e popular. Dessa vez, apresentando-se como montagem com outras estruturas aparentemente incompatíveis, se compreendida apenas com a leitura psicanalítica tradicional.

A concepção de um sujeito resultante da montagem de estruturas incompatíveis entre si, como a neurose e a perversão, só é possível para a psicanálise com a admissão em seus pressupostos teóricos da concepção dos sujeitos, da aceitação da montagem de estruturas compostas, e mal definidas em seus limites, com influência forte das etapas anteriores, pré-simbólicas, capazes de em etapas posteriores da vida, atrair, decompor, e deslocar as forças pulsionais em direção a múltiplos obje-

tos, ou de fixá-las no próprio corpo, localizadas ou dispersas, como sintoma (Soares, 2015; Dorey, 2003).

Ao final, resta indagar se a psicanálise deve seguir as trilhas abertas pela psiquiatria, psicologia cognitiva, e pelas neurociências. Submeter-se ao discurso do mestre, não implicaria no risco de submissão dos indivíduos em análise a esse discurso de forma redobrada?

## REFERÊNCIAS

Bierman, Joel. (2003). *Mal estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Debord, Guy. (1992). *La société du spectacle*. Paris: Gallimard.

Dorey, Roger. (2003). Problemática obsessiva e problemática perversa. Parentesco e divergências. In: Brusset, B & Couvreur, C (Orgs.). *A neurose obsessiva*. (pp. 115-139). São Paulo: Ed. Escuta Ltda.

Freud, Sigmund. (1937). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de*

*Sigmund Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago; 2006.

Lerude, Martine. (1995). Haveria velhos adolescentes? *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 11, pp.52-55.

*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM V.* (2013). Amer Psych Association, Artmed.

Nasio, Juan- David. (2011). *Como agir com um adolescente difícil?* Rio de Janeiro: Zahar.

Nasio, Juan- David. (1991). *A histeria: teoria e clínica psicanalítica.* Rio de Janeiro: Zahar.

Ortega, Lucio González. (2012). Nuevas formas de histeria: globalización del mercado y repunte de la histeria. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, vol 41( 3 ):521-35.

Ruphino, Rodolpho. (1995). Adolescência: notas em torno de um impasse. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 11, pp.41-51.

Soares, Francisco J.P. Cinema e psicanálise: entre a ficção e a afecção do eu [Internet]. 2015 [Acesso em 02 de agosto de 2017]; 9: 14-20. Disponível em: [http://www.gpal.com.br/wp-content/uploads/2015/11/topica\\_n9\\_cinema\\_e\\_psicanalise\\_entre\\_a\\_ficcao\\_e\\_a\\_afeccao\\_do\\_eu.pdf](http://www.gpal.com.br/wp-content/uploads/2015/11/topica_n9_cinema_e_psicanalise_entre_a_ficcao_e_a_afeccao_do_eu.pdf)

Zizek, Slavoj. (2010). O sujeito interpassivo: Lacan gira uma roda de orações. In: *Como ler Lacan.* Rio de Janeiro: Zahar.

Fontes : Família Gotham e Leitura News  
Maceió, outubro de 2017  
Publicado originalmente em outubro de  
2017 em [www.gpal.com.br](http://www.gpal.com.br)

**GPAL**  
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

